

Intimidade Negociada

A Percepção dos Cuidadores de Idosos na Perspectiva da Economia do *Care*

Jandir Pauli¹

Carla Goergen²

Elisa Helena Goldoni³

<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2017.39.376-399>

Resumo

O objetivo deste estudo é compreender os efeitos das transações monetárias na relação entre idosos e seus cuidadores. A partir desse propósito foi realizada uma pesquisa empírica de caráter qualitativo com cuidadores autônomos ou vinculados a instituições asilares. A orientação teórica teve como base os conceitos de economia do *care* de Viviana Zelizer (2005c), propondo que as relações econômicas são atravessadas pela intimidade, exigindo dos envolvidos um esforço para estabelecer “boas combinações” entre dinheiro e laços afetivos. Os resultados mostram que essas relações, embora funcionem como “arenas de trabalho” na tentativa de ajuste entre intimidade e dinheiro, não podem ser consideradas “boas combinações” no sentido pleno, uma vez que os cuidadores não fazem a demarcação precisa da função do dinheiro, gerando frustração e indicativos de adoecimento psíquico, uma vez que as exigências de dedicação e altruísmo estão superdimensionadas.

Palavras-chave: Cuidadores. Cuidado do idoso. Mercado de trabalho.

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pós-doutor em Sociologia Econômica pela Université Paris IV – Sorbonne. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Licenciado em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo e Bacharel em Filosofia pelo Ifibe. Professor da Faculdade Meridional (Imed), Passo Fundo. jandir@imed.edu.br

² Mestre em Administração pela Faculdade Meridional (Imed). Graduada em Psicologia pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Trabalha na Universidade de Passo Fundo (UPF). goergen@ciinet.com.br

³ Mestre em Administração pela Faculdade Meridional (Imed). Graduada em Psicologia pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Professora da Anhanguera Educacional, Unidade de Passo Fundo. capacitarh@terra.com.br

NEGOTIATED INTIMACY: AN ANALYSIS OF THE RELATIONSHIP BETWEEN ELDERLY AND CAREGIVERS IN THE PERSPECTIVE OF THE CARE ECONOMY

Abstract

The aim of this study is to understand the effects of monetary transactions in the relationship between elderly and their caregivers. From this purpose was conducted empirical research of qualitative character with stand-alone or linked to mental institutions caregivers. The theoretical orientation was based on the concepts of care economy Viviana Zelizer (2005c), proposing that economic relations are crossed by intimacy, requiring involved an effort to establish "good matches" between money and emotional ties. The results show that these relations, but otherwise operate like "working arenas" in an attempt to fit between intimacy and money, can not be considered as "good matches" in the full sense, since caregivers do not make the precise demarcation of the function money, generating frustration and indicative of mental illness, since the dedication requirements and altruism are oversized.

Keywords: Caregivers. Elder Care. Labour market.

A relevância deste estudo está amparada nos dados recentes sobre a mudança do perfil etário da população brasileira, especialmente nos números que indicam um crescente e rápido envelhecimento da população. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 20 anos a população idosa irá triplicar, passando dos atuais 22,9 milhões (11% da população) para 88,6 milhões (39,2% da população). A principal razão desta mudança é o aumento da expectativa de vida, que partiu de 43,3 anos, na década de 50, para os atuais 75 anos. Em 20 anos, a expectativa de vida média deverá ser de 81 anos. Ainda segundo o Instituto, existem hoje no Brasil aproximadamente 3,8 milhões de idosos com algum grau de dependência, exigindo cuidados de outras pessoas.

No contexto do envelhecimento progressivo da população entra em cena o cuidador de idosos, definido aqui como o profissional que presta serviços à pessoa idosa em domicílio ou em instituições asilares, mas sem vínculo familiar. Os cuidadores desenvolvem tarefas envolvendo o acompanhamento nas atividades diárias, como auxílio na alimentação, higiene pessoal, medicação de rotina, entre outros, contribuindo na recuperação e na qualidade de vida dessas pessoas (NASCIMENTO et al., 2008).

Ao refletir sobre o ofício de cuidar de outro ser humano pode-se constatar que esse processo envolve questões como atitude, expressões, padrões e estilos de cuidados que podem ser realizados/percebidos por diferentes sentidos. Deve-se ter consciência de que a velhice é uma etapa da vida caracterizada por inseguranças, medos e alterações das necessidades básicas inerentes ao envelhecimento e, para tanto, é necessário que se busque uma reflexão sobre o cuidado ao idoso (TIER; FONTANA; SOARES, 2004).

Por outro lado, há uma mudança sociocultural significativa em curso: a crescente terceirização dos cuidados aos idosos por parte das famílias. A responsabilidade sobre quem cuida do idoso, tradicionalmente uma tarefa dos filhos ou familiares próximos, é agora transferida a profissionais, introduzindo um novo sujeito na relação entre pais e filhos. Para dar conta desta demanda, profissionais da área da saúde se especializam para atuar

como autônomos ou vinculados a instituições geriátricas, para prestarem atendimento em domicílio ou nessas instituições. É neste cenário que se estabelece o mercado de cuidadores de idosos.

É importante ressaltar que diversos estudos têm mostrado a complexidade do trabalho dos cuidadores, especialmente na ênfase dos aspectos de organização e administração do trabalho (SCHOSSLER; CROSSETTI, 2008), dos riscos psicossociais à saúde do cuidador (GONÇALVES, 2006) e sobre a criação do vínculo afetivo e relações de confiança que trabalhos desta natureza criam (ARAUJO et al., 2013). Não há, no entanto, estudos sobre os arranjos criados entre afetividade e a compensação monetária do serviço, implícitos na relação entre cuidadores e idosos. É nesse hiato que a socióloga estadunidense Viviana Zelizer desenvolve o conceito de “Economia do *care*” (2010, 2011). Para Zelizer (2011), a relação entre intimidade e economia passa a ter um duplo sentido: na ideia de pagamento pela intimidade (por meio da contratação de serviços de cuidado); e na “captação” de como “o domínio poderoso da intimidade afeta as formas pelas quais as pessoas organizam a vida” (p. 14). Analisar as transações realizadas com a utilização do dinheiro permite compreender com mais alcance a relação entre cultura, política e até mesmo intimidade, permitindo chegar aos elementos primários que explicam o sentido das relações sociais.

Com este aporte teórico, o presente estudo problematiza o trabalho relacional dos cuidadores para construir boas combinações entre a lógica mercantil e a dimensão afetiva que caracterizam a sua atuação profissional. O objeto analítico são as práticas que estes cuidadores estabelecem com os idosos, dado que o “cuidado” é marcado pela remuneração mediante a prestação de um serviço, mas sem desconsiderar as transações afetivas e de confiança implícitas nas relações de trabalho. Isso posto, o objetivo da pesquisa é compreender os efeitos das transações monetárias na relação que os cuidadores estabelecem com os idosos e suas famílias. Por que, no entanto, transações monetárias são objeto de análise? 1) porque deixam rastros em registros históricos; 2) porque dramatizam o conflito entre economia e

intimidade; 3) porque geralmente os cientistas sociais consideram a monetização e a racionalização como extremamente ameaçadoras da afetividade (ZELIZER, 2011).

Método

Para a realização da pesquisa optou-se por um estudo qualitativo, com utilização de um roteiro de entrevista aberto e semiestruturado com cuidadores sobre como se dá a relação com a família e a percepção destes quanto à valorização (no que respeita aos aspectos pecuniários envolvidos) no mercado de trabalho. Para tanto utilizou-se a abordagem qualitativa exploratória, “baseada em pequenas amostras que proporcionam *insights* e compreensão do contexto do problema” (MALHOTRA, 2001, p. 155).

O roteiro de perguntas foi desenvolvido a partir dos conceitos propostos por Zelizer e foi dividido em duas partes: 1) caracterização dos sujeitos da pesquisa e 2) questões relacionadas ao mercado dos cuidadores de idosos. Os dados foram interpretados a partir da análise qualitativa de conteúdo (BARDIN, 1998). As entrevistas foram realizadas no período de julho a agosto de 2014. Participaram das entrevistas nove cuidadores de ambos os sexos, trabalhadores em casas de famílias, autônomos ou vinculados a instituições como asilos e casas geriátricas, em quatro cidades do norte do RS. Esses cuidadores foram identificados a partir da letra “C”, seguido pela ordem numérica da entrevista (C1, C2, C3...). A definição da quantidade de entrevistados obedeceu ao critério de saturação da amostra, ou seja, após um número de sujeitos pesquisados, novas entrevistas passaram a apresentar certa redundância ou repetição.

Os entrevistados foram contatados por intermédio de ligações telefônicas às instituições e cuidadores autônomos. A escolha foi realizada por conveniência e de forma aleatória a partir de anúncios de prestação de serviços em peças publicitárias, anúncios de jornais e em redes sociais. As entrevistas foram agendadas com antecedência e tiveram uma duração média

de 45 minutos. A composição do instrumento de pesquisa foi baseada nas teorias de Zelizer (2005c, 2010), especialmente no que se refere à provável mistura de laços pessoais íntimos com transações econômicas, a partir de dois pressupostos: o primeiro é que esta relação comercial, por ser marcada pela troca de afetos, é efetivada por meio dos chamados “dinheiros especiais” que podem funcionar como meio de troca, mas também como “classificador” social, utilizado para sedimentar a relação. Nesta direção, o segundo pressuposto é de que as pessoas procuram criar arranjos, denominados como “boas combinações” (Zelizer, 2009b) para justificar que a intimidade e a atividade econômica podem coexistir em uma relação, desde que as pessoas combinem sobre ela. Assim, cabe o questionamento deste estudo: As relações de *care* entre cuidadores e idosos cumpre esse roteiro? Como efetivamente são arranjados os sentimentos e as transações pecuniárias nesse novo mercado?

Com este pano de fundo, a metodologia deste estudo está orientada na compreensão que o dinheiro, como afirma Zelizer (2005b), “não é um “solvente” devastador e uniformizador que nivela as relações sociais por onde ele passa” (p. 26). Além disso, o dinheiro não pode ser isolado das relações não econômicas porque ele mesmo está baseado em “redes sociais” particulares que fornecem o fundamento da significação social. Resta saber se na relação em questão esses arranjos são exitosos e se cumprem as expectativas tanto dos cuidadores quando dos idosos e suas famílias.

Economia do *Care*

O principal guia que orienta o trabalho do cuidador de idosos no Brasil, divulgado pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2008), define cuidado com o idoso como:

Cuidado significa atenção, precaução, cautela, dedicação, carinho, encargo e responsabilidade. Cuidar é servir, é oferecer ao outro, em forma de serviço, o resultado de seus talentos, preparo e escolhas; é praticar o

cuidado. Cuidar é também perceber a outra pessoa como ela é, e como se mostra, seus gestos e falas, sua dor e limitação. Percebendo isso, o cuidador tem condições de prestar o cuidado de forma individualizada, a partir de suas ideias, conhecimentos e criatividade, levando em consideração as particularidades e necessidades da pessoa a ser cuidada. Esse cuidado deve ir além dos cuidados com o corpo físico, pois além do sofrimento físico decorrente de uma doença ou limitação, há que se levar em conta as questões emocionais, a história de vida, os sentimentos e emoções da pessoa a ser cuidada (p. 7).

Esta definição pode ser compreendida a partir do conceito de “Economia do *Care*” de Viviana Zelizer (2010), para quem as relações de *care* incluem qualquer tipo de atenção pessoal, constante e/ou intensa, que visa a melhorar o bem-estar daquela ou daquele que é seu objeto. Assim, pode-se definir “um leque de ‘atensões pessoais constantes e/ou intensas’ que tem, numa extremidade, o cuidado da manicure num salão de beleza ou o breve conselho telefônico num *hotline* de ajuda psicológica e, na outra, os laços estabelecidos ao longo de uma vida inteira entre uma mãe e sua filha, ou, ainda, o devotamento de um velho empregado”.

Os participantes de uma relação em que está presente a intimidade estão constantemente negociando e marcando diferenças entre estas e outras com as quais elas poderiam ser fácil e perigosamente confundidas. Para lidar com estas dificuldades Zelizer (2010) sugere que se estabeleça um conjunto de práticas denominadas “boas combinações”. Com esta proposição, Zelizer (2005b) critica a interpretação clássica que atravessa as Ciências Sociais sobre uma oposição entre dinheiro e afetividade, nomeando esta tradição de teorias de “Esferas Separadas” e “Mundos Hostis”, uma vez que na sua base estariam identificados dois domínios distintos da vida social, operando de acordo com princípios diferentes: racionalidade, eficiência e planejamento de um lado; solidariedade, sentimento e impulso, de outro. O contato destas duas esferas, conforme essas teorias, é entendido como uma “poluição moral” que contaminaria a ambas, prejudicando, desta forma, uma relação ajustada (p. 18-19).

Para Zelizer, a explicação da realidade social por uma dualidade demarcada por conceitos morais e políticos não contribui para uma análise da complexidade do real, pois o mercado, a racionalidade econômica e o interesse não ameaçam a intimidade, as relações de solidariedade e a confiança. Nas perspectivas das “esferas separadas” e dos “mundos hostis”, sentimentos afetivos produzem ineficiência nos mercados e organizações, ao passo que o cálculo e a racionalidade esvaziam o conteúdo da solidariedade. O dinheiro, instrumento do cálculo, é a expressão desta ameaça de corrupção e contaminação. Esta rivalidade inaugura uma interpretação dualista da economia em que o dinheiro é o artífice da sobreposição dos valores de mercado sobre os demais princípios da integração social. A partir deste prisma, procurando estabelecer uma ponte entre intimidade e economia, Zelizer (2005b) aponta duas ferramentas analítico-conceituais para analisar a questão: a ideia de “cruzamentos” e de “boas combinações” (p. 22).

Com a proposição de “cruzamentos”, as esferas (mundos) não perdem suas características, mas as interseções entre os mundos passam a ser espaço de análise. Isto é, ao invés de analisar interferência de uma esfera sobre outra, a análise social deve debruçar-se sobre como, no cotidiano, as pessoas articulam ambas. Assim, a esfera da intimidade/afetividade passa ser introduzida na análise social e apresenta-se como elemento importante para compreensão da dinâmica social, uma vez que nas transferências econômicas as pessoas geralmente misturam questões de ordem íntima com a vida econômica e esta condição as obriga a fazerem “boas combinações”. Se laços sociais são atravessados pela intimidade, parece sensata a ideia de que sua preservação depende da combinação entre as alterações do contexto (por exemplo, a introdução de dinheiro na unidade doméstica) e as relações afetivas. Segundo Zelizer (2005b), “o trabalho relacional, portanto, compreende o estabelecimento de laços sociais privilegiados, sua preservação, reconfiguração e, às vezes, a sua dissolução” (p. 22).

Desta forma, a análise social deve reconhecer que no cotidiano das relações as pessoas misturam as diferentes esferas da vida valendo-se de duas estratégias: a) definem o tipo de relação (pais e filhos, professor e aluno) e, em seguida, b) adotam práticas, rituais e símbolos a que ajustam a intimidade com a racionalidade econômica. Seguindo nesta linha de raciocínio, as “boas combinações” produzem a confiança, a solidariedade e a reciprocidade necessárias para a duração e amplitude da relação. Isto é, elas não criam um minimercado e muito menos se deslocam para fora do mercado. Antes disto, elas marcam, definem e organizam a intensidade da utilização do dinheiro, estabelecendo mutuamente seus objetivos, função, utilização e controle. Para isto, três características definem uma boa combinação: 1) as transações econômicas correntes são diferenciadas de outras com as quais pode ser confundida, o que danificaria e comprometeria a relação. Por exemplo, a diferença entre o pagamento em dinheiro a uma prostituta e o presente ocasional a uma amante; 2) há um reconhecimento mútuo sobre o modelo/tipo de relação que será adotada por ambos, expressa em acordos bem definidos. Por exemplo, namorados, ao planejar uma viagem de férias, mesmo que cada um tenha condições de arcar com as despesas sozinho, dividem as responsabilidades determinando quem pagará o hotel, o restaurante, as passagens, etc.; por fim, 3) “boas combinações” delimitam bem o papel cumprido por um terceiro. Por exemplo, na organização de um casamento, define-se quem pagará as despesas com o jantar, com o aluguel do espaço para a festa.

Na esteira desta abordagem parte-se da afirmação de Zelizer (2005b) de que “toda relação social depende, para ser durável, da criação de suportes institucionais culturalmente significativos” (p. 24). Neste viés, dois aspectos tornam-se relevantes para a análise da problemática deste estudo: primeiro, é necessário reconhecer as práticas monetárias como foco analítico da pesquisa social, associando-as com as relações sociais e procurando compreender como as pessoas realizam trocas, transferências e doações de acordo com a percepção do tipo de relação que estabelecem. Para isto utilizam símbolos,

rituais, práticas e sistemas mais ou menos complexos para marcar e definir estas relações, fazendo emergir, por consequência, o universo da cultura e não o contrário (ZELIZER, 2005a, p. 95, 2005b, p. 22). Em segundo lugar, as pessoas tomam muito cuidado para diferenciar estas práticas para evitar a desestruturação da relação: “as relações são tão importantes que as pessoas trabalham duro para combiná-las com formas apropriadas de atividade econômica e marcadores claros do caráter dessa relação” (ZELIZER, 2009b, p. 142), o que os engaja na produção de laços sociais duradouros, configurados, demarcados e diferenciados de outras relações.

Desta forma, “boas combinações” dependem dos estoques de significados, de marcadores sociais e das práticas existentes em cada contexto e que são acessadas pelos envolvidos na relação. O compartilhamento deste significado estabilizará a relação, fazendo com que a intimidade e as transações econômicas gerem e fortaleçam laços de confiança e solidariedade.

A construção deste referencial teórico foi moldada a partir de quatro obras. A primeira, *Moral and Markets: the development of life insurance in the United States* (1979) teve como foco de análise a história social e cultural do seguro de vida nos Estados Unidos, especialmente no período entre 1870 e 1930. Utilizando informações sobre a alta rentabilidade das empresas de seguro, Zelizer traça pistas sobre um tema fundamental para o capitalismo contemporâneo: a quantificação monetária da vida e da morte de um ente querido.

Assim, *Pricing the Priceless Child: the changing social value of children*, publicado em 1985, discute a atribuição de um preço ao que não tem preço: as mudanças nos padrões de valor social das crianças. Seguindo a mesma direção da obra anterior, este livro explora o universo da definição de preços e o sistema de valores culturais da sociedade americana em um contexto marcado pela exclusão das crianças (e das mulheres) da economia, momento em que deixam de ser objetos de utilidade para se tornarem objetos de sentimentos.

The Social Meaning of Money (1994) inaugura o interesse por um tema que até então era abordado basicamente pelos economistas: o dinheiro. Para isto Zelizer, seguindo a trilha de Weber, analisa o sentido conferido ao dinheiro pelas famílias estadunidenses, país no qual o capitalismo ocidental se desenvolveu com vigor, especialmente no final do século 19 e início do século 20. Este fenômeno causou a chamada monetarização da vida social mediante a adoção do dólar como moeda nacional e a sobreposição às moedas regionais/provinciais chamadas de “outras moedas”. Quais as mudanças sociais desta expansão? O mercado nacional do dinheiro afeta a vida social?

O livro mostra como a família americana, ao final do século 19, se deparou com a monetarização das práticas econômicas no seio da unidade familiar. A utilização extensa do dinheiro teve reflexos óbvios, mas diferentemente do que preconizavam as preocupações moralistas dos defensores da teoria dos mundos hostis, o dinheiro não deteriorou as relações sociais, mas foram produzidos novos rituais, práticas e significados para estabilizar as relações íntimas. Como os americanos reagiram a essa mudança? Seja como for, a introdução do dinheiro da unidade doméstica não pode ser considerada como inevitável processo de racionalização. Os símbolos, rituais e as crenças são manifestações de significados produzidos entre a esfera dos sentimentos e da racionalidade. De fato, ao invés de negar as esferas, Zelizer (2005b) está preocupada em dissolver o hiato que existe entre elas. Para a socióloga, a família, pensada como espaço da afetividade, gratuidade e solidariedade, relaciona-se com a ideia de cálculo, racionalidade e dinheiro. Aliás, o conceito de família, largamente aceito nas Ciências Sociais, funciona como esfera autônoma e separada da vida social e econômica. E esta “ideologia da família” (p. 19), na medida em que sacralizou o espaço doméstico procurando “protegê-lo da dura realidade do trabalho diário em atividades econômicas” (2009a, p. 239), contribuiu para consolidação da doutrina dos “mundos hostis”, uma vez que cada uma destas esferas tiraria vantagens desta separação.

Enquanto em *The Social meaning of money* (1994), a autora analisou como a monetização afetou os americanos mostrando que os laços sociais foram ressignificados por meio da ressignificação do dinheiro, *The purchase of intimacy* (2005c) parte da análise do dinheiro, mas o ultrapassa adentrando na produção, consumo, distribuição e transferência de bens não monetários. Duas premissas sustentam esta tese: 1) o dinheiro trouxe novos desafios para as relações sociais e 2) outras questões surgiram, mostrando transferências econômicas não monetárias, por exemplo: Como as pessoas equilibram as exigências econômicas de curto prazo das relações íntimas (gastos com alimentação, transporte... em uma união estável) com o acúmulo de longo prazo de direitos, obrigações e meios compartilhados de sobrevivência? O que acontece quando a mistura entre estes se torna alvo de litígio judicial? Como as pessoas comuns e os tribunais distinguem transferências de dinheiro legítimas e ilegítimas entre parceiros sexuais? Enfim, como o serviço remunerado de um profissional que toma conta de uma criança é fundamentalmente inferior aos cuidados não remunerados providos por familiares?

A partir dessas perguntas *The purchase of intimacy* aborda temas como moralização e desmoralização das práticas econômicas em ambientes de litígio, estudos de gênero, economia do cuidado (*care*), especialmente cuidadores jovens. A problematização destes temas segue as seguintes questões: Sob que aspectos e condições as transações econômicas produzem consequências para as relações de intimidade? Como são criadas as explicações para cada situação diferente que envolve dinheiro e intimidade? Como o sistema jurídico dos EUA arranja as reivindicações econômicas com as relações de intimidade? (2005c, p. 21).

A partir dessa base conceitual, especialmente sobre a economia do *care*, este estudo irá debruçar-se na análise das transações econômicas operadas pelo dinheiro, procurando compreender como cuidadores articulam intimidade e dinheiro nas suas transações econômicas com os idosos e suas famílias.

Discussão dos Resultados

Em relação ao perfil dos cuidadores entrevistados, conforme demonstrado no Quadro 1, percebe-se que dois terços dos entrevistados atuam há mais de quatro anos como cuidadores de idosos, com a minoria possuindo formação superior e cuja média de idade é de 38 anos. Quanto ao tempo de experiência, há cuidadores que permanecem com a família mesmo após o óbito do idoso atendido, podendo passar a cuidar do cônjuge deste ou, ainda, são “transferidos” para outros membros do mesmo núcleo familiar, cuidando dos demais parentes.

Quadro 1 – Dados sobre os participantes da pesquisa

	Sexo	Idade	Formação	Experiência como cuidador	Origem do cuidador
Cuidador 1	M	26 anos	Ensino Médio	Trabalha há 6 anos	Vinculado a Asilo
Cuidador 2	F	29 anos	Técnica Enfermagem	Trabalha há 5 anos	Vinculado a Asilo
Cuidador 3	F	31 anos	Técnica Enfermagem	Trabalha há 3 meses	Vinculado a Asilo
Cuidador 4	F	50 anos	Ensino Médio Completo	Trabalha há 4 anos	Vinculado a Asilo
Cuidador 5	F	45 anos	Ensino Fund. Incompleto	Trabalha há 1 ano	Vinculado a Asilo
Cuidador 6	F	48 anos	Ensino Fundamental	Trabalha há 4 anos	Vinculado a Asilo
Cuidador 7	F	31 anos	Ensino Médio Incompleto	Trabalha há 3 meses	Autônomo
Cuidador 8	M	37 anos	Enfermeiro	Trabalha há 5 anos	Vinculado a Asilo
Cuidador 9	F	47 anos	Ensino Fund. Incompleto	Trabalha há 25 anos	Autônomo

Fonte: Elaboração dos autores.

Em relação às categorias de análise, visando a um melhor entendimento dos dados coletados, foi necessária a concentração da discussão em duas linhas de percepções dos entrevistados sobre a característica da relação entre cuidadores e idosos: 1) o universo simbólico que articula essa relação, e 2) as tentativas realizadas pelos envolvidos para criar boas combinações entre a dimensão instrumental do dinheiro e a afetividade que permeia a relação, mostrando seus êxitos e dificuldades.

A Família como “Arena” das Trocas Afetivas e Econômicas

Ao analisar os dados foi constatado que, no caso dos cuidadores vinculados a instituições asilares, muitos dos idosos internados nessas instituições estão distanciados também emocionalmente das suas famílias. Na maioria das vezes os idosos são colocados em asilos ou casas geriátricas contra sua própria vontade. Grande parte dos familiares, após a institucionalização de seu idoso, não retorna à instituição para visitá-lo com a frequência e regularidade desejada por este, delegando esses cuidados para terceiros. Cabe aqui salientar o que alguns cuidadores falaram: “... hoje os familiares não querem mais se envolver, eles não têm calma, paciência para cuidar, então preferem tirar de casa. Tem que ter muita calma e tranquilidade, não é fácil” (C6). Outro afirma: “depende da situação, alguns por que não conseguem, outros por que não querem, estão saturados, não entendem a doença, não é má-vontade” (C1). Ou ainda:

Tem uns que nunca vêm. Eles passaram a vida inteira cuidando dos filhos e agora não podem cuidar. A minha mãe é doente, e eu vou cuidar dela até quando eu puder. Quando temos filho, damos um jeito, pagamos para pessoas cuidar dos filhos em casa, porque agora eles não podem pagar para cuidar deles (C7).

É neste vácuo deixado pela ausência dos filhos e parentes próximos que os cuidadores tornam-se membros efetivos da família do idoso. Em todas as entrevistas foi constatado que os cuidadores desenvolvem uma proximidade como se fossem integrantes efetivos da família. “Aqui a gente se passa como filho. Ela me fala: – você é um neto que não é de sangue, mas é um neto para mim. A gente acaba se apegando” (C5). Já outro cuidador afirma: “Com alguns tenho sentimento de amor e outros de tristeza. Cada um sente de um jeito. Sinto muita tristeza quando eles pedem pelos familiares, é difícil dizer que eles não sentem a falta. Eles são como se fosse da gente, a gente é como se fosse um neto para eles” (C6).

Notou-se que os cuidadores propõem uma relação de reciprocidade afetiva com os idosos e suas famílias, buscando também um espaço de inserção na nova família para atender às suas próprias questões emocionais. Esse ingresso na “nova” família é marcado pela utilização de dinheiros especiais que funcionam como meios de troca. Em outros termos, a relação de proximidade é articulada pelo universo simbólico que a ideia de família suscita, fazendo emergir “dinheiros especiais”, conforme se observa na constante oferta de presentes dos familiares a estes cuidadores: “Temos uma relação boa com os familiares. Ganhamos mimos, produtos da colônia então... ganhamos mel, salame, amendoim. Também nos convidam para os aniversários. Estes dias vim só para um aniversário. Não era meu dia de trabalho, mas vim. Ele queria tirar uma foto. Temos uma relação de carinho” (C6). Outro cuidador também afirma que recebe suporte emocional por parte do idoso, mostrando reciprocidade na relação: “a família é fora de série. Ele é como se fosse um pai com quem a gente conviveu e não consegue se afastar...” (C4).

Sentimentos de amor, carinho e afeto na relação dos cuidadores com os idosos também foram registrados em todas as entrevistas realizadas. A identificação, transferência e projeção de sentimentos talvez expliquem a intimidade desta relação. A comparação do idoso com as figuras paternas ou maternas, com avós dos cuidadores, pôde ser verificada em algumas das entrevistas. “A gente se apega bastante, vínculo de amizade, manias, tudo

que é tipo de coisa. A gente que se cria com vó e vó acaba se identificando” (C7). “É como se fosse minha vó, eu tento fazer de tudo para elas, tudo o que elas querem, tudo o que posso eu faço” (C3). “Aprendi a profissão cuidando de minha mãe por quatro anos... depois que ela faleceu é que passei a cuidar de outros idosos. Sinto que esta função é que gosto, tenho paciência, já fiz vários cursos, não tinha trabalhado fora antes, mas com esta me identifiquei” (C2).

Importante salientar aqui que outros sentimentos também são despertados em momentos considerados difíceis, quando os cuidadores informam precisar de serenidade para discernir entre dois tipos de situação: aquelas nas quais eles realmente têm condições de atuar para modificá-las e assim beneficiar o idoso, e aquelas que acontecem independentemente de sua atuação: “É tão deprimente. Quando eles falecem é muito ruim, pois é como se fosse da gente. Eles se cuidam. Quando eles ficam doentes cuidam um do outro. Mas nós não falamos que eles morreram, pois senão eles adoecem. Dizemos que foram para casa. O cuidado é apaixonante” (C5).

Zelizer oferece uma visão de “boas combinações” em que as transações econômicas são arenas de trabalho e constituem um espaço vital para o exercício dos laços sociais, que por sua vez se desenvolvem tanto no âmbito das relações interpessoais como na intimidade, perpassadas por laços de afeto e confiança. Em outros termos, significa dar peso ao poder da intimidade, destacando a sua capacidade de definir/enquadrar o significado do dinheiro, isto é, o dinheiro modifica as relações de intimidade, enquanto estas também definem sua utilização e significado.

Nesse sentido, “boas combinações” são arranjos estabelecidos para negociar esta intimidade e lidar com as questões monetárias em uma relação comercial e afetuosa. Não se trata de se perguntar se o dinheiro corrompe ou não, mas, sobretudo, de analisar as combinações entre as atividades econômicas e as relações de *care* que dão lugar a situações mais felizes, mais justas e mais produtivas. Não é a combinação em si mesma que deve

interessar, mas o modo como ela funciona. E uma vez mal identificadas as conexões causais, oculta-se, também, a origem das injustiças, dos danos e dos perigos (ZELIZER, 2010).

Conforme Guimarães (2012), os estudiosos do *care* têm se esforçado para mostrar que as atividades humanas em que há conexões emocionais e mesmo íntimas, podem ser vistas do ponto de vista econômico. Ou seja, as práticas de um trabalho com caráter social, que implicam sentimento e relações interpessoais, podem conviver com a remuneração de modo frutífero.

A Tentativa de Moralização do Dinheiro e de Criar “Boas Combinações”

Ao analisar os dados das entrevistas foi constatado que, em seus discursos, os profissionais procuram moralizar a prática do pagamento pelos serviços de cuidado, derrubando fronteiras entre os chamados “mundos hostis”, demonstrando que o dinheiro não corrompe a relação, mas é um meio para que a relação se estabeleça com base na confiança, afeto e reciprocidade. “Acho uma excelente ideia as famílias contratarem profissionais. Se meus filhos não puderem me cuidar, eu prefiro uma cuidadora do que um asilo” (C3). Essa mesma ideia foi referendada por outros três cuidadores:

No momento que faz com amor, não faz simplesmente pensando em salário (C4); acaba forçando os familiares a não ficar muito tempo aqui, eles precisam de dinheiro, então tem que trabalhar, se eles ficarem aqui não terão dinheiro suficiente (C7); eu gostaria muito que um profissional me cuidasse quando eu ficar velho. Pelo poder aquisitivo que alguns têm, eles preferem pagar para cuidar. Eles trabalharam a vida toda e agora preferem alguém que cuide. Eles fizeram por merecer para ter este cuidado, com um profissional a dedicação é total para eles (C9).

Por outro lado, os dados mostraram, também, que os cuidadores não fazem a demarcação da relação, confundindo a ideia de cuidado exercido na família de origem (em geral os cuidadores apresentaram esse histórico) com a relação profissional. Conforme Zelizer, a relação, para ser duradora e “bem combinada”, precisa ser demarcada, definindo as fronteiras entre o que é aceito e qual a função do dinheiro. Nota-se que, em geral, a relação confunde os laços afetivos com a dimensão econômica da função, uma vez que as questões de natureza emocional, especialmente o afeto entre ambos, torna-se a base fundante da reciprocidade entre cuidadores e idosos. As seguintes falas ilustram esse argumento:

Eu sou muito emotiva, me apego demais às pessoas. Sou chorona mesmo. Quando estou em casa sinto muita falta deles. Eu cuidava muito do meu vô, fazia a barba, cuidava dele. Eu sou muito família. A gente se apega neles e eles gostam de mim. Me tratam com carinho. Quando a gente chega eles ficam felizes. Sinto muito amor, quando vejo eles; sinto que precisam de muito amor, carinho. Algumas famílias se apegam na gente, ainda mais se a gente gosta deles. Tem bastante gente que dá presente, sabe que a gente cuida bem (C1).

As falas de outros três cuidadores seguem nessa mesma direção: “Sentia-me como se fosse da família e ainda agora me relaciono com a família da última idosa que cuidei. Não consigo ficar mais de um mês sem ir à casa deles. Eu passei a ser a filha dela e superei a perda da minha mãe cuidando dela” (C4). “A gente se apega muito. A gente sofre, a gente sente, é como se fosse da família, um cuidado bem intenso e acabamos se apegando” (C6). “Perdi meus avós muito cedo e a relação com a família é muito boa. Ganho presente na Páscoa, Natal, aniversário; me convidam para jantares; é uma relação de muita confiança, respeito. Eles me querem bem” (C8).

Os sentimentos de reciprocidade afetiva, no entanto, são contrastados com relatos que mostraram um elevado grau de descontentamento dos cuidadores em relação à remuneração que recebem. Em geral, a consideram baixa se comparada à importância do trabalho executado. A fala de um dos

entrevistados exemplifica bem essa percepção: “Quando trabalhamos com seres humanos não tem preço. O que a gente recebe é insuficiente ou mais do que insuficiente. A gente se dedica tanto que qualquer valor pago se torna insuficiente, cuidar de gente é mesmo compensador” (C7). Na mesma direção, outro cuidador afirma: “Eu trabalho por amor à camisa, mas o salário poderia melhorar... Me formei em técnico em enfermagem, mas não consigo fazer só minha função (...). O salário é pouco pelo que a gente faz. Não sei se tem um piso salarial, mas deveria ser mais” (C1).

Uma das possíveis consequências desta não demarcação pode transformar a frustração em relação aos ganhos financeiros em adoecimento. Os relatos mostram que é a intimidade que formata (caracteriza) a relação, mas ela também gera riscos aos cuidadores. Perguntados sobre como interpretam os valores pecuniários recebidos, os cuidadores apresentam uma contradição com as afirmações anteriores e classificam o trabalho como “estressante, maçante, dificultoso” (C3). Um segundo cuidador segue nessa direção: “A remuneração poderia ser melhor, mas às vezes não temos outra opção, não podemos ficar sem trabalhar. Às vezes é melhor receber um pouco do que nada. Às vezes precisava de mais pessoas para ajudar a cuidar delas, tem bastante trabalho” (C9), fala corroborada por outros dois cuidadores:

Uma pessoa que faz esse tipo de serviço deveria ter um salário compatível, porque você acaba deixando a sua família de lado para cuidar de outra (C4); quando uma família tem uma pessoa que faz esses cuidados, deveria pagar bem, porque a pessoa se dedica, dá amor, deixa as suas coisas de lado, a sua família (C5).

Por fim, a fala de um cuidador ilustra bem o lado difícil que esse tipo de relação pode resultar: “A gente acaba deixando de cuidar de si mesmo para cuidar dos outros, a questão psicológica acaba ficando mais debilitada em decorrência das doenças. A gente diz que o Alzheimer não é contagioso, mas para nós parece que é” (C1).

Embora o foco deste estudo não esteja nas consequências nefastas que o desajuste entre dinheiro e intimidade possam provocar, o tema do adoecimento parece comprovar que uma vez não definidas as fronteiras entre a tarefa profissional e a dimensão afetiva inerente à relação, a percepção de desvalorização financeira passa a assumir uma dimensão de injustiça e não reconhecimento para os cuidadores. Esse sentimento pode interferir significativamente na diminuição da reciprocidade e quebra da relação, além de colaborar para a existência de riscos psicossociais no ambiente de trabalho destes profissionais do *care*.

A pesquisa de Zelizer procura mostrar que são as pessoas em relação que definem o que é aceitável e qual o sentido do dinheiro em cada relacionamento. E é a partir deste arranjo que são produzidos símbolos e erguidas as balizas sobre o que é correto ou incorreto em cada contexto. Assim, não é possível definir *a priori* se o dinheiro é o agente que deteriora a relação, pois sua significação é um resultado de expectativas de afetividade, racionalidade econômica e confiança mútua.

Neste contexto, Zelizer (2006) mostra que o objetivo é mostrar que uma relação atravessada pelo dinheiro não precisa eliminar a intimidade, mas buscar a criação de combinações equitativas. Da mesma forma, o mais importante não é perguntar se o dinheiro corrompe ou não, mas, especialmente, avaliar como as pessoas combinam (e se conseguem combinar) transações econômicas com reciprocidade afetiva, permitindo relações mais felizes, mais justas e mais produtivas. Entender essas conexões passa a ser vital para identificar as origens da injustiça e os consequentes danos que a desconexão entre dinheiro e intimidade pode causar nas relações humanas (p. 386).

Considerações Finais

A conclusão sobre a relação entre intimidade e transações econômicas permite definir uma imagem da realidade social em que as relações sociais misturam elementos da racionalidade prática, os códigos culturais e

aspectos afetivos. Quanto mais desenvolvidas estas dimensões, mais ampla é a relação. Examinando o exposto neste estudo, os objetivos propostos, os dados coletados e as análises realizadas, tem-se um conjunto importante de informações que podem responder às questões propostas no problema de pesquisa, expostas a seguir:

Relações profissionais são espaços (arenas) de trabalho para ajustar a relação entre afetividade e transações monetárias: a relação profissional entre o cuidador e o idoso é permeada de sentimentos pessoais como carinho, afeto, respeito à idade, à doença, às limitações, bem como a percepção de que é imprescindível, para o idoso, que seja cuidado e atendido em suas necessidades básicas. Este afeto é manifestado no cuidado, na atenção, no vínculo estabelecido, na permanência do cuidador no ambiente familiar e na comparação das relações pessoais do cuidador (sua própria família) com o idoso.

As relações entre cuidadores e idosos também são marcadas pela afetividade, caracterizando uma reciprocidade e trocas emocionais entre ambos. Esta troca materializa-se, por parte dos idosos e seus familiares, em presentes, agrados, cuidados especiais e, especialmente, a aceitação deste como membro da família. Do lado dos cuidadores, a profissão permite compensar perdas na família de origem.

Arranjos são feitos para tentar ajustar esta relação, uma vez que o dinheiro passa a estar presente: o cuidador, mesmo atuando profissionalmente, recebe com gratidão os agrados que lhe são ofertados e alivia-se pelo seu afeto e percepção do afeto do outro, não “comercializando” excessivamente esta relação.

As entrevistas mostraram, no entanto, que mesmo com o trabalho relacional desempenhado por ambas as partes, estas relações de *care* não podem ser consideradas como “boas combinações” no sentido pleno. Mesmo com

tantos sentimentos de afeto entre cuidadores e idosos, a relação monetária não é esquecida; pelo contrário, é criticada pelo diminuto valor pecuniário pago a esta atividade econômica.

Por fim, é importante salientar que a dimensão das trocas afetivas que marca a economia do *care* é uma questão de relevância social e acadêmica, no que se refere tanto àquele que presta o serviço quanto àquele que o recebe. Pesquisas futuras poderiam aprofundar a análise do vínculo psicológico estabelecido entre cuidadores e idosos sob o ponto de vista de diferentes teorias. Além disso, novos estudos poderiam ter como foco a percepção dos idosos sobre a relação e suas combinações para ajustar essa relação, inclusive quando se trata de incluir transações em dinheiro quando o cuidador é um membro da família do idoso.

Referências

ARAUJO, J. et al. Perfil dos cuidadores e as dificuldades enfrentadas no cuidado ao idoso, em Ananindeua, PA. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, vol. 16, n. 1, p. 149-158, 2013. DOI: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232013000100015>>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232013000100015&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 jun. 2014.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Trad. Augusto Pinheiro e Luiz Antero Reto. Lisboa: Editora 70, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. *Guia prático do cuidador*. 2008. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_pratico_cuidador.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2014.

GONÇALVES, L. H. T. et al. Perfil da família cuidadora de idoso doente/fragilizado do contexto sociocultural de Florianópolis, SC. *Texto & Contexto – Enferm.*, Florianópolis, v. 15, n. 4, out./dez. 2006. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072007000100026>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072007000100026&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 jun. 2014.

GUIMARÃES, H. H. *Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care*. São Paulo: Atlas, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2010 – Resultados do universo*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

MALHOTRA, N. *Pesquisa de marketing*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

NASCIMENTO, L. C. et al. Cuidador de idosos: conhecimento disponível na base de dados Lilacs. *Rev. Bras. Enferm.* (on-line), 61 (4), 514-517, 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672008000400019>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672008000400019&script=sci_arttext>. Acesso em: 30 maio 2014.

SCHOSSLER, T.; CROSSETTI, M. Cuidador domiciliar do idoso e o cuidado de si: uma análise através da teoria do cuidado humano de Jean Watson. *Texto Contexto – Enferm.* vol. 17, n. 2, p. 280-287, 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000200009>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072008000200009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 30 maio 2014.

TIER, C. G.; FONTANA, R. T.; SOARES, N. V. Refletindo sobre idosos institucionalizados. *Rev. Bras. Enferm.* [on-line], vol. 57, n. 3, p. 332-335, 2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672004000300015>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672004000300015&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 2 jun. 2014.

ZELIZER, V. *Morals and Markets: The Development of Life Insurance in the United States*. Columbia: Columbia University Press, 1979.

_____. *Pricing the Priceless Child. The Changing Social Value of Children*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1985.

_____. Beyond the Polemics on the Market: Establishing a Theoretical and Empirical Agenda. *Sociological Forum*, 3 (4), 614-634, 1988.

_____. *The Social Meaning of Money*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994.

_____. Argent, circuits, relations intimes. *Enfances, Familles, Générations*, 2, 93-113, 2005a.

_____. Intimité et économie. *Terrain*, 45, 13-28, 2005b.

_____. *The purchase of intimacy*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2005c.

ZELIZER, V. L'argent social. Entretien avec Florence Weber. *Genesis*, n. 65, 126-137, 2006.

_____. Monétisation et vie sociale. *Le Portique*, n. 19, 2-11, 2007.

_____. Dualidades perigosas. *Mana*, 15 (1), 237-256, 2009a.

_____. Dinheiro, poder e sexo. *Cadernos Pagu* [on-line], 32, 135-157, 2009b.

_____. A economia do *Care*. *Civitas Rev. Ciências Sociais*, 10 (03), 376-391, 2010.

_____. *A negociação da intimidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

Recebido em: 17/12/2015

Accito em: 10/5/2016